

CAPÍTULO X

PRODUÇÃO MUDIÁTICA EM EDUCOMUNICAÇÃO: UMA VERTENTE A SER CONSTRUÍDA

Marciel A. Consani
Universidad de São Paulo

La verdad es que (...) el diálogo entre la educación y la comunicación está lejos de haber sido hasta ahora fluido y fructífero. Lo más frecuente ha sido que la primera entendiera a la segunda en términos subsidiarios y meramente instrumentales, concebiéndola tan sólo como vehículo multiplicador y distribuidor de los contenidos que ella predetermina.

Mário Kaplún

Resumo

A educomunicação, com base nos estudos defendidos pelo CCA-ECA/USP¹, se constituiu a partir de quatro vertentes diferenciadas na interface Comunicação/Educação, sendo: (1) Gestão da Comunicação em espaços educativos; (2) Educação para e pela comunicação; (3) Mediação Tecnológica na Educação e (4) Investigação epistemológica da relação Comunicação/Educação. Ao longo do tempo, novos objetos de estudos se evidenciaram neste campo emergente, sendo que um dos mais recentes, é identificado como a Produção Midiática na Educação.

A questão que aqui se coloca é se podemos, efetivamente, defender a existência de uma abordagem genuinamente educacional na produção de mídias. A hipótese será testada com base na análise de

¹ Com a duração de oito semestres, a Licenciatura em Educomunicação é um curso pioneiro, oferecido pela Universidade de São Paulo desde 2011, destinado a formar profissionais da Comunicação para trabalhar em espaços educativos.

produções educacionais em busca de elementos que possam comprovar esta idiossincrasia epistemológica.

Nossa investigação adotará a metodologia participante, explorando o *corpus* das produções desenvolvidas na disciplina “CCA 0303-Práticas Laboratoriais em Multimídia” na qual são abordados os aspectos teóricos e práticos do trabalho do educador enquanto produtor de mídia educativa.

Ao final, esperamos contribuir para a consolidação de um *modus faciendi* específico da Produção Multimídia em projetos e atividades educacionais visando aprimorar a formação do educador em consonância com as demandas atuais da educação em contextos formais, não-formais e informais.

Palavras chave: Educação, Multimídia, Mídia, Produção, Licenciatura, Epistemologia.

1. Introdução

Desde suas origens, a Educação se pautou pela atividade de produção midiática, ainda que sua ênfase recaísse sobre a intencionalidade educativa voltada para atender demandas sociais urgentes.

O neologismo *Educommunication* havia sido pautado, nos anos 1980, pela UNESCO, como sinônimo de *Media Education*, para designar todo o esforço do campo educativo em relação aos efeitos dos meios de comunicação na formação de crianças e jovens. Entre 1997 e 1999, o Núcleo de Comunicação e Educação da USP realizou uma pesquisa, patrocinada pela FAPESP, junto a 176 especialistas de 12 países da América Latina, identificando a vigência de uma prática mais abrangente no seio da sociedade civil, que tomava a comunicação como eixo transversal das atividades de transformação social. Passou, então, o NCE/USP a ressemantizar o termo educação para designar o conjunto destas ações que produzem o efeito de articular sujeitos sociais no espaço da interface comunicação/educação. No caso, à leitura crítica da mídia e à produção midiática por jovens soma-se o conceito de estágio da comunicação nos espaços educativos. (SOARES, 2012 p. 11)

Muitos apontam o fórum cassette de Mario Kaplún como protótipo da intervenção educacional e modelo para a maior parte das atividades hoje descritas como “atuação do educador”. Entretanto, o próprio Kaplún (2010) aponta como educador pioneiro o jornalista francês Celestin Freinet, por conta da resignificação do jornal por ele operada quando atuou como professor.

Seja como for, a abordagem educacional, tomando-se como exemplo as orientações curriculares defendidas pelo CCA-ECA/USP², desloca sua centralidade para a mídia nos seus dois processos comunicacionais mais presentes em contextos educativos: (1) a decodificação — ou Leitura Crítica — e (2) a produção de conteúdos.

Segundo Soares (2011), os dois processos corresponderiam, respectivamente, à Educação para a Mídia (Media Education) e a Literacia Midiática (Media Literacy), ambos aglutinados sob a denominação “Educação para os Meios”, entendidos como faces da mesma moeda. O mesmo autor, parece ter se dado conta da necessidade de ampliação deste conceito, incluindo a Produção Midiática como uma vertente autônoma em relação a todas as outras (Soares, 2011). Tomando esta premissa como hipótese de trabalho, nos cabe a proposta de investigar se, efetivamente, a educação tem condições de reivindicar para si uma abordagem idiossincrática na produção de mídias ou, em outras palavras, a questão que se coloca é a se “Existe uma abordagem educacional na produção midiática”.

No desenvolvimento de nosso raciocínio argumentativo, apresentaremos, na primeira seção, o problema central que nos propomos a investigar, isto é, se existe realmente uma abordagem específica da produção midiática com base na educação.

Na segunda seção, aprofundaremos os desdobramentos de nossa problemática à partir das hipóteses principais e tributárias que ela suscita.

Na terceira parte, descreveremos um projeto de investigação, ora em curso, no âmbito da Licenciatura em Educação do CCA-

² Departamento de Comunicação e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

ECA/USP³, o qual busca levantar indícios de uma sistemática especificamente educacional na condução de atividades de produção midiática.

Ao final, apresentaremos um arrazoado de considerações, a título de “considerações finais”, recapitulando os pontos principais de nosso artigo e antecipando algumas contribuições e o estado da arte de nossas pesquisas na Universidade de São Paulo vinculadas a esta temática.

2. O problema: como a Educomunicação aborda a Produção Midiática?

Existem pelo menos duas maneiras de colocarmos, em perspectiva, a questão que orienta nossa investigação. Sendo:

- (1) Como processo: há uma maneira educacional de se produzir mídia?
- (2) Como produto: é possível definir a mídia que se produz como educacional?

No aspecto processual, podemos levantar o questionamento, sobre o fato de esta área de estudos, defendida como “campo emergente” por alguns estudiosos como Soares (2011), possuir (ou não) um modo próprio de operar suas dinâmicas, diferenciado-se, nitidamente, de outras abordagens, como por exemplo, a Media Information Literacy (MIL), proposta pela UNESCO, como nos relatam Grizzle & Wilson (2011).

Em nosso entendimento, fica claro que a educação não pode ser configurada como um mero *modus faciendi*, desvinculada de sua tradição histórica e de sua epistemologia comprometida com a Pedagogia Libertária de Paulo Freire (1987).

Não obstante, os educadores não reivindicam o monopólio das práticas promotoras de uma educação transformadora, o que não os impede de anunciar, sempre que possível, seu alinhamento com um agenda comprometida com uma sociedade mais justa e

³ Contando com a colaboração da monitora, Luiza Alves da Silva, estudante de graduação na mencionada Licenciatura Educação do CCA-ECA/USP (ver anexo IV).

igualitária pautada no livre acesso à informação e aos meios de produção comunicativa, vale dizer, não condicionada aos interesses mercadológicos.

Isto implica, automaticamente na observância de estratégias coletivas e colaborativas e na opção preferencial por tecnologias não-proprietárias (*open source*).

No que tange às produções orientadas pela égide educacional, o que podemos constatar, é o seu direcionamento para as questões sociais mais agudas e seu posicionamento político em defesa das minorias e da tolerância como um valor a ser defendido no âmbito da Comunicação.

Cabe também assinalar o princípio do livre acesso, pelo qual as produções oriundas de processos educacionais seriam, via de regra, livremente compartilhadas, assegurando seu acesso aos menos favorecidos.

Podemos dizer que há muito idealismo e algumas presunções “utópicas” nesta categorização aqui apresentada, porém, tais posicionamentos expressam, justamente, os valores que atraem os estudantes que buscam, na formação de educador, uma possibilidade profissional que concilie a necessidade de subsistência com uma cultura humanista e democrática.

Trataremos agora, das hipóteses implícitas no problema que enunciaremos.

3. Hipóteses: como se desdobra o nosso problema?

Tomando como base as duas questões colocadas na seção anterior, podemos enunciar algumas hipóteses, numa estrutura dialética estruturada como “pergunta & resposta”, como segue.

Sobre a Educação como processo — isto é, produzindo mídia de forma educacional.

- Pergunta (P): o que caracteriza um processo como educacional?
- Resposta (R): Uma intenção específica que leva em conta [a] o papel do sujeito estudante; [b] os objetivos didáticos e pedagógicos assumidos pela Educação e [c] a orientação democratizante imbuída na dinâmica de comunicação.

Sobre a Educomunicação como produto — ou seja, a mídia como uma produção educacional.

- P.: o que torna educacional uma mídia?
- R.: a observância dos princípios que resultem [a] na produção como expressão única e reflexiva do estudante-autor (princípio da autoria); [b] num objeto de aprendizagem que promova a intencionalidade invocada a princípio e ao longo do processo pedagógico e [c] numa releitura crítica das formas de produção perpetuadas pelo grupo social hegemônico.

Tais raciocínios, aqui, se encontram, ainda, na forma de uma reflexão embrionária, a ser aprofundada mediante um projeto de investigação atrelado à proposta curricular daquela licenciatura.

Assim surgiu o projeto “Produção Midiática em Educomunicação: uma vertente a ser construída”, desmembrado, atualmente, como “FASE 1: Fundamentação Teórica de uma nova interface social”⁴.

Este pode ser considerado como o motivomais importante que justificou a produção deste artigo e abrindo uma nova linha de investigação participante [Brandão, 1999] no contexto da formação docente.

A ideia básica consiste em manter um projeto permanente de investigação atrelado à disciplina CCA0303, obrigatória para os alunos ingressantes da Licenciatura em Educomunicação.

Para especificar melhor o contexto da nossa proposta de investigação participante no exercício da docência, apresentaremos, a seguir, uma caracterização da referida disciplina.

4. Universo da pesquisa

Embora no Brasil, como em outros lugares do mundo, esteja disseminada a mentalidade de um tripé acadêmico — pesquisa, docência, e extensão — sustentando as universidades, cultivamos o entendimento de que estes pilares não são independentes ou isolados entre si. Por este motivo, acreditamos na pertinência de associar, desde o

⁴ O projeto foi homologado no PEEG (Programa de Estímulo ao Ensino da Graduação), o que possibilitou o envolvimento de estudante da Graduação na função de monitoria.

início do curso, a dinâmica de investigação, fomentando os projetos de Iniciação Científica (IC) entre os alunos.

Também consideramos importante, desde sempre, manter próximo ao curso um Núcleo de Extensão (NCE⁵), funcionando como um laboratório de práticas para o exercício de intervenções educacionais.

Na sequência, apresentaremos a disciplina CCA0303 como a “porta de entrada” para os estudantes da Licenciatura em Educação no universo da produção midiática.

4.1. A disciplina “CCA0303/ Práticas Laboratoriais em Multimídia”

A matéria “Práticas Laboratoriais em Multimídia” se constitui numa disciplina de entrada no curso de licenciatura e sua condução é pensada no sentido de motivar o interesse e estimular a criatividade dos alunos ingressantes. Nelas, procuramos enfatizar os aspectos práticos sem deixar de lado a fundamentação teórica consistente. O próprio título da disciplina aponta para uma abordagem vivencial de produção midiática, o que oportunizamos por meio de uma série de exercícios práticos individuais e em grupo.

Alimentamos a preocupação em fornecer um feedback constante comentando os trabalhos em aula mas, tendo o cuidado de não estabelecer comparações diretas entre os alunos e apresentando sempre as tarefas como desafios técnicos e não como produções a serem parametrizadas pelos padrões midiáticos vigentes no mercado.

O plano de aula original da disciplina com seus conteúdos e referências pode ser visualizado neste artigo como anexo II.

⁵ Trata-se de uma instância caracterizada como núcleo de extensão ligada à Escola de Comunicações e Artes da USP e que se dedica a identificar e estudar as interfaces sociais entre Comunicação e Educação, principalmente para sustenta projetos de intervenção pedagógica no âmbito das políticas públicas.

Alguns exemplos de produções finalizadas ao longo da disciplina são Fotonovelas, Newsletters, Roteiros e Spots para rádio (ver anexo III).

4.2. Materiais produzidos

Ao longo das disciplinas ministradas, nossa estratégia principal — e, a nosso ver, a mais de acordo com a educomunicação — consistiu na produção coletiva/colaborativa de materiais com os próprios alunos. Por outro lado, na disciplina CCA0303, voltada para os ingressantes, consideramos pertinentes, muitas vezes, preparar apresentações eletrônicas que, sem querer se passar por “apostilas digitais”, facilitam bastante a tarefa de conduzir as aulas de caráter mais expositivo. Dessa forma, produzimos uma pequena série de apresentações de slides que compartilhamos com os estudantes (ver quadro 1).

<p>Disciplina CCA - 03 Práticas Laboratoriais em Multimí</p> <p>28/03/2016</p> <p>Marciel Consani</p>	<p>CONCEITOS-CHAVE</p> <p>* Pauta – primeiro roteiro para a produção de textos jornalísticos e material iconográfico. Cada editoria deve ter uma relação de temas que devem ser periodicamente acompanhados. Cada editoria também deve produzir pautas especiais. Editorias são espaços dedicados para assuntos específicos</p> <p><small>- Manual de Linguagem Visual, 2ª. Edição, São Paulo, Paulista, 2007.</small></p> 	<p>O TEXTO JORNALÍSTICO</p> <p>Pyramide invertida: estrutura-base de uma notícia abordando os dados mais importantes secundados pelas informações complementares numa organização em blocos decrescentes de interesse.</p> 
<p>Disciplina CCA - 01 Práticas Laboratoriais em Multimí</p> <p>06/04/2015</p> <p>Marciel Consani</p>	<p>Cor é Luz</p> <ul style="list-style-type: none"> A cor é uma sensação subjetiva produzida pelos raios de energia luminosa refletidos nos objetos à nossa volta. Os receptores de cor, na visão, são células denominadas Cones e Bastonetes. Os Cones são células capazes de captar grande volume de luz e são responsáveis por visão colorida (Crominiscência). Os Bastonetes são células adaptadas para captar um baixo volume de luz e, sendo melhores na definição de tons claros e escuros (Luminiscência).  <p><small>http://visual-derevista.org/2010/04/01/01-fig-01.htm</small></p>	<p>O Brilho</p>  <ul style="list-style-type: none"> Equivalo: a mudanças na graduação tonal, indo do negro ao branco. A presença ou ausência de cor não afeta a tonalidade.
<p>Quadro 1 – Exemplos de algumas apresentações didáticas produzidas para as disciplinas CCA0303</p>		

De forma semelhante, nas disciplinas de Educação a Distância, dado o alto teor de conteúdos e referências, vez por outra, fazemos uso da mesma estratégia. Trata-se de uma produção pontual, uma vez que, no âmbito desta disciplina, nossa preferência recai por trabalhar com textos de referência e produções audiovisuais. O motivo para o emprego destas últimas, particularmente, tem a ver com importância dada, no departamento, à leitura crítica da mídia e à possibilidade de vivenciar, pelo exemplo, uma das práticas que se esperam dos educadores em seu trabalho de campo: a mediação de audiovisuais em contexto educativo.

4.3.Sistemática de Avaliação Contínua

A avaliação é um dos pontos mais importantes do trabalho docente. No caso de uma licenciatura esta importância aumenta ainda mais: estamos formando professores, logo, é necessário que o processo de avaliar não seja apenas discutido e estudado, mas vivenciado empiricamente em seus aportes e contradições.

Os ingressantes no curso tem um perfil variado, que agrega jovens recém-egressos do Ensino Médio ao lado de outros alunos que já cursaram (tendo concluído ou não) o Ensino Superior. A isso some-se uma grande variedade de áreas de atuação e diferentes expectativas ligadas à interface Comunicação/Educação como campo de trabalho que esses estudantes alimentam.

Do mesmo modo, o entendimento de modelos e finalidades da avaliação varia, ainda que mantendo sempre presente o questionamento sobre a validade dos instrumentos e o grau de rigor empregados pelo docente. De nossa parte, não nos furtamos de propor o debate sobre a avaliação e de incentivar a participação dos estudantes na dinâmica de seu próprio processo avaliativo. Isso se dá em vários momentos ao longo do curso, o que possibilita o emprego de metodologias diversas, o que é muito interessante, uma vez que o aluno da licenciatura de hoje é o professor de amanhã. Quanto aos procedimentos metodológicos da avaliação, temos nossas preferências, listadas abaixo:

- Avaliação Docente: considerada, de forma estrita, quando o professor é quem detém o protagonismo da análise e valoração dos

trabalhos. Particularmente, reservamos este procedimento para as disciplinas iniciais, apoiando-nos em parâmetros objetivos, tais como cumprimento (ou não) de tarefas e prazos e aplicação dos conteúdos desenvolvidos e habilidades trabalhadas.

- Avaliação externa: quando a avaliação dos trabalhos (mas não necessariamente a atribuição de notas) fica a cargo de convidados externos, na forma de bancas de avaliação. Esta é uma estratégia utilizada em todas as disciplinas e, com mais ênfase, nas produções finais das “Práticas Laboratoriais”.
- Avaliação cruzada, ou “pelos pares”: quando os trabalhos em grupo são apresentados e comentados pelo conjunto da sala. Normalmente, recorreremos a planilhas online nas quais os alunos podem, objetiva e reservadamente avaliar criticamente os trabalhos uns dos outros, procedimento condicionado à justificativas didático-pedagógicas consistentes.
- Autoavaliação: esta é a forma preferencial que gostaríamos de aplicar ao longo do curso, visto que um dos objetivos referenciais da educomunicação é o protagonismo discente.

Uma vez apresentado o universo de nossa investigação e, podendo ser conferido nosso projeto de pesquisa atualmente em curso, esperamos haver transmitido a essência de nossas contribuições para o desenvolvimento de um conceito autóctone de produção midiática enquanto metodologia de intervenção educacional.

5. Conclusão

É preciso reconhecer que estamos apenas iniciando nosso processo investigativo tendo até o momento, avançado até o ponto da proposição do problema principal e de alguns caminhos válidos para a sua abordagem.

O que prevemos é um processo longo e trabalhoso de aprofundamento das tarefas que aqui forma delineadas, a saber:

- (1) construção de um Quadro Teórico de Referência (QTR) consistente que contextualizem a Educomunicação na interface com as Mídias pelo viés da produção;
- (2) investigação de práticas comuns nos projetos educacionais que se identifiquem como tais ou que declarem uma aproximação com a abordagem defendida pela Educomunicação;
- (3) criação de uma metodologia de intervenção clara e definida a partir destes aportes teóricos e vivenciais;
- (4) teste e avaliação desta prática, alinhando-a com o marco conceitual previamente estabelecido e definindo parâmetros metodologicamente válidos;
- (5) registro e análise dos processos e produtos envolvidos, bem como das impressões dos participantes, alicerçando a validação das conclusões.

Em nosso contexto, as perspectivas indicam um envolvimento cada vez maior dos educadores com a mídia e sua produção.

Ao longo da história, a ênfase, neste campo, parece ter se deslocado da leitura crítica — ou desconstrução — para a criação — ou construção — de conteúdos em diversos suportes. Isto nos leva a questionar, não só a centralidade das motivações e demandas na natureza e caráter que orientam tais ações criativas, mas seu eventual deslocamento para as questões relativas à disseminação desses conteúdos, como, por exemplo, os suportes.

Em outras palavras, os hábitos culturais da contemporaneidade, evitados pelo impulso da conexão permanente e parametrizados por condutas formatadas no âmbito das redes sociais digitais, exige novas formas de negociação de sentido.

Visualizamos aqui, a perspectiva de um futuro muito próximo, no qual os princípios democratizantes e libertários da Educomunicação incluirão, como conceitos-chave, a transmídia, a realidade virtual/aumentada e o nomadismo digital (mobile devices).

Assim, evitando cair na armadilha redutora de considerar a Tecnologia como um norteador de políticas públicas educacionais/comunicacionais, os educadores formados pela USP se habituam a defender um posicionamento que contextualize as estratégias de produção midiática como uma interface pedagógica para apropriação crítica da cultura.

Referências.

- Braga, Juliana; org. (2014) *Objetos de Aprendizagem* (Dois volumes). Santo André, Editora da Universidade Federal do ABC.
- Brandão, Carlos R. (1999). *Pesquisa Participante*. São Paulo, Brasiliense.
- Camargo, A. P. L.; Santos, I. P. (2005) “Bibliotecas digitais e multimídia”. In: *Mídias digitais: convergência tecnológica e inclusão social*. São Paulo Paulinas, p. 356.
- Charadeau, Patrick (2014). *Linguagem e Discurso: modos de organização*. São Paulo, Contexto.
- _____ (2015). *Discurso das Mídias*. São Paulo, Contexto.
- Citelli, Adilson Odair; Castilho Costa, Maria C.; orgs. (2011). *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo, Paulinas.
- Consani, Marciel A. (2013) *A Mediação Tecnológica como estratégia educacional nos projetos do Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da USP*. Projeto de pesquisa aprovado pelo CCA-ECA/USP como condição obrigatória para efetivação no cargo de Docente em regime RDIDP. São Paulo, não publicado.
- _____ (2008). *Mediação Tecnológica na Educação: Conceito e Aplicações*. Tese de Doutorado apresentada ao CCA-ECA/USP, São Paulo: USP, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- Gohn, Maria da Glória. *Educação não formal e o educador social*. São Paulo: Cortez, 2010.
- Grizzle, A. & Wilson, C.; editores (2011). *Alfabetización Mediática e Informativa: Currículo para Profesores*. Paris: Unesco.
- Kaplún Mario (2010) *Una Pedagogia de la comunicación* In Aparici, Roberto. *Educomunicación: más allá del 2.º*. Barcelona, Editorial Gedisa
- Martín-Barbero, Jesús (2014). *A Comunicação na Educação*. São Paulo, Contexto.
- Orozco-Gómez, Guillermo (2014). *Educomunicação: recepção midiática, aprendizagens e cidadania*. São Paulo, Paulinas.
- Ministério da Educação do Brasil. Portal Domínio Público: Missão. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/Missao/Missao.jsp> Acesso em: 22 mar. 2016.
- Soares, Ismar de O. (2012). *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo, Paulinas.
- _____ (2011). “Educomunicação, um campo mediações” In Citelli, A. O.; Castilho Costa, M. C.; orgs. (2011). *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo, Paulinas.
- _____ (2000). “Educomunicação: as perspectivas de reconhecimento de um novo campo de intervenção social, o caso dos Estados Unidos” In *Eccos – Revista Científica Uninove*, v.2, nº2, dezembro de 2000.